

ASSOCIAÇÃO INDÍGENA KARAPĀNA (ASSIKA)

Projeto Nova Cartografia Social na Amazônia

Série: Movimentos Sociais, Identidades Coletivas e Conflitos

FASCÍCULO 38

Coordenação

Joilson da Silva Paulino

Ana Cláudia M. Tomas

Maria Alice Paulino

Coordenação do Projeto

Nova Cartografia Social da Amazônia

Alfredo Wagner Berno de Almeida

(PNCAA/CESTU/UEA, PPGAS/UFAM)

Equipe de pesquisa

Altaci Correa Rubim

Glademir Sales dos Santos

Edição

Cartografia

Luís Augusto Pereira Lima

PNCAA-CESTU/UEA

Fotografias e Filmagem

Altaci Correa Rubim

Glademir Sales dos Santos



João C. da S. Paulino, Moisés (Sateré-Mawé), Ana Cláudia (Baré), Joilson (Karapãna), Lázaro Santana, Marilda (Karapãna), Ademir Paulino (Karapãna), Eline, Alfredo, Dirci Anita, Maria Alice, Altaci, Antonina (Baré), Otilia (Piratapuia), Manuel Paulino (tuxaua Karapãna), Odair (Karapãna) e crianças karapãna

Nova Cartografia Social da Amazônia: Associação Indígena Karapãna – Assika : rio Cuieiras, Baixo Rio Negro, Amazonas / Coordenação: Joilson da Silva Paulino, Ana Cláudia M. Tomas, Maria Alice Paulino / Coordenação do projeto: Alfredo Wagner Berno de Almeida. – Manaus / UEA Edições, 2012

12 p. : il. color. ; 25 cm. – (Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos ; 38)

ISBN 978-85-7883-201-8

1. Conflitos sociais. 2. Índios – Amazonas. 2. Organizações sociais. I. Paulino, Joilson da Silva. II. Tomas, Ana Cláudia M. III. Paulino, Maria Alice. IV. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. V. Série.

CDU 528.9:316.48(811.3)

PARTICIPANTES DA OFICINA DE MAPAS		
Ana Cláudia M. Tomas, 32	Baré	Aldeia Kuanã
Ageu Aleixo Paulino, 25	Baré	Aldeia Terra Preta
Ademir da Silva Paulino, 26	Karapãna	Kuanã
Dirci Anita da S. Paulino, 39	Karapãna	Kuanã
Eliny da Costa Coelho, 20	-	Não indígena
Graziela Paulino dos Santos, 14	Karapãna	Kuanã
Gabriela Paulino dos Santos, 16	Karapãna	Kuanã
João da Silva Paulino, 32	Karapãna	Kuanã
Joilson da Silva Paulino, 35	Karapãna	Presidente da Assika
Manoel Paulino, 64	Karapãna	Tuxaua da Aldeia
Maria Alice Paulino, 29	Karapãna	Assika e Sol Nascente e S. Poente do Tarumã Açú
Marilda da S. Paulino	Karapãna	Kuanã/Assika
Lázaro S. da Silva, 35	-	Sol Nascente Sol Poente (não indígena)
Rafael Hernandez Bruno, 25	Baré	Terra Preta
Odair da Silva paulino	Karapãna	Kuanã
Moisés Ferreira de Souza (convidado)	Sateré-Mawé	Comunidade Y'apyrehyt
Alfredo B. V. dos Santos, 41	-	Kuanã (não indígena)
Adailton Simão, 63	Baré	Comunidade Barreirinha

Do Alto Rio Negro ao Rio Cuieiras

Sou da etnia Karapãna. Meus pais vieram do Alto Rio Negro, da cabeceira do rio Caiari. Eles foram para São Gabriel da Cachoeira. De lá eles vieram para Manaus, que naquele tempo chamava de Barra, onde moravam os Baré. Minha avó era Kubeo, meu pai Karapãna. Meus pais casaram-se depois de velhos, tinham sessenta anos, e tiveram dois filhos, eu e minha irmã. Meu pai morreu, fiquei sozinho triste. Ai veio a Funai e me contratou como funcionário, e fui trabalhar no rio Demeni, por quatorze anos, junto com meus parentes. Depois fui transferido para o rio Camanau, para a aldeia dos Atroari, onde passei quatro anos. Queriam me transferir para Altazes, mas não quis ir, então eu pedi minha conta. Foi quando passei a morar na Praia Dourada, onde terminei de criar meus filhos, por dezoito anos naquele terreno, que não era meu, era de um casal, e eu trabalhava como vigia. Quando o casal se separou, a esposa me expulsou de lá. Eu queria indenização, e até hoje ela não me pagou e me deve pelo trabalho. Daí eu vim embora para o Cuieiras. Eu sabia que, antigamente meus avós moravam, os Kubeo. Ainda existe esse povo: João Pascal, Raimundo Pascoal e Buape Pascoal, que são meus tios, o pai deles foi Paxicuri, os índios chamavam de Paxiku. Eles não tinham sobrenome, ai pegaram o sobrenome de Pascoal. Pensei que fossem me ajudar. Cheguei aqui em 2001. **Manuel Paulino**, tuxaua Karapãna



Mapa situacional do rio Cuieiras, aldeia Kuanã, Baixo Rio Negro, Manaus – AM

Tuxaua da aldeia Kuanã

Procuraram para eu ser tuxaua aqui, a Coiab queria que eu fosse capitão aqui, mas eu não quis. Com insistência da dona Celina, acabei aceitando, caso me ajudassem. Antes a Funai passou por aqui, e fizeram um levantamento, e metade não se identificaram. Naquele tempo eu não era tuxaua. Depois me identificaram, porque eu trabalhei na Funai muito anos. Foi quando eu assumi como tuxaua, com ajuda da Coiab, Funai, Funasa, por que eles me garantiram. Eu fiquei sozinho, ninguém queria me ajudar, e disse para Funai que queria ir embora para minha terra onde nasci. Para bem dizer, onde me criei tem muitos parentes que gostam de trabalhar em grupo. Aqui não. Por isso perdemos muitos benefícios, com plantação, com criação de peixe [...] Ai foram dizer que eu não podia passar por cima do presidente não índio. Então eu deixei, eu queria mais ajudar meus netos, meus sobrinhos que moram na Terra Preta, meus parentes que moram na cidade. **Manuel Paulino**, tuxaua Karapãna



Manuel Paulino, Tuxaua Karapãna

Trajetória de conflitos: do rio Tarumã ao rio Cuieiras

1978 foi a chegada do meu pai do Alto Rio Negro. Aqui foi uma das primeiras moradias, estiveram de passagem, e depois migraram para cá (Tarumã, próximo da Praia Dourada), e foi onde passamos a maior parte da infância. A área era só de mata virgem. Ao longo do tempo, essa área se desenvolveu em condomínios, fazenda e grilagem de terra. Onde o senhor Manoel Paulino pescava, não podia entrar mais nos igarapés, nos rios; já não podia fazer o que fazia antes, roçar, pescar. A terra estava se tornando improdutivo pelas ocupações. Ele foi procurar novas terras no Tarumã Mirim, no Acácia Então, começamos a explorar essa área aqui, até o Tarumã Mirim, ia de canoa, a remo, para fazer roçado, para pescar, até a cabeceira do rio Acácio. Ao longo do tempo nós vimos essa área ser ocupada por grandes empresários, por grileiros. **Maria Alice, Karapãna, da Assika e da Associação de Baixo Rio Negro: espaço social dos povos indígenas**

Eles vêm degradando não somente o lado social do cidadão, mas o moral, a dignidade; agride moralmente porque tira o direito de trabalhar, de sustentar a família; eles vêm reduzindo as áreas até ficar sufocante, de não ter onde morar; as famílias ficam oprimidas nessas áreas que são de interesses tanto dos políticos como dos

Área de conflitos socioambientais, Tarumã Açu, Tarumã Mirim, margem do rio Negro, Manaus – AM

empresários. Então as famílias ficam em uma situação social diferenciada, que é um contraste muito grande, apesar de terem em volta aqui grandes empresários, autoridades, parlamentares, nessa área muito visada e privilegiada. **Maria Alice, Karapãna, da Assika e da Associação de Moradores Sol Nascente Sol Poente do Tarumã Açu**

Ao longo desse tempo os moradores mais antigos, os ribeirinhos e indígenas, se localizam, são famílias de etnia Karapãna. Aqui fica localizada a Associação dos Moradores Sol Nascente e Sol Poente do Tarumã Açu. Subindo o rio, fica o igarapé do Tiú, encontramos a aldeia l' nha-be, a Gavião, que são famílias indígenas; subindo o rio temos a aldeia Rouxinol, que são Baniwa, Dessana, Karapãna, Piratapuia. O que está acontecendo aqui, também está acontecendo subindo o rio Cuieiras. O que aconteceu aqui está acontecendo lá. **Maria Alice, Karapãna, da Assika e da Associação de Moradores Sol Nascente Sol Poente do Tarumã Açu**



Luta pela demarcação de terra, aldeia Kuanã, comunidade Canaã, rio Cuieiras

Hoje estou reunindo meus parentes, minhas filhas, meus netos. Eu queria reforçar o pedido de demarcação da terra. Nos já pedimos muito. Disseram que a demarcação vem do Alto Rio Negro, depois vai chegar no Novo Airão, depois dentro do rio Cuieiras. Aqui tem comunidades misturadas. Tem Baré, Tukano, Piratapuia, Banywa, Kambeba, Tykuna, Sateré-Mawé, aqui dentro do Cuieiras. Aqui na Comunidade Kuanã temos Karapãna, Piratapuia, Tukano, Baré, Kubeo. Estão metendo pessoas de fora para não passar a demarcação, para a Funai não ter força para demarcação. **Manuel Paulino, Karapãna, 2011**

Meio ambiente e conflitos sociais

Quem manda, eu não sei. Uns dizem que é o Parque Estadual Setor Sul, outros a Marinha, outros dizem que é o Incra, outros dizem que é a Funai. Enfim, eu não sei quem manda. O problema continua sendo a terra. Quase todo o mundo aqui é indígena, desde Barreirinha. A gente sobrevive aqui desde quando eu entrei aqui no rio Cuieiras. **Antonina Xavier, Baré, da comunidade Barreirinha**

Depois da APA, foi criado o Parque Estadual Setor Sul. O Estado criou para que todas as populações que residissem no Parque se retirassem e fossem morar no outro lado do Rio Negro, no Iranduba-AM, em um assentamento. Isso a gente não sabia, pois não houve consulta as comunidades tradicionais e comunidades indígenas. Quando soubemos, nós indígenas começamos a nos mobilizar. Aqui, pessoal da Comunidade Nova Canaã aceitou um projeto de assentamento do Incra, que se chama PDS. **Joilson da Silva Paulino, Karapãna**

Nós não aceitamos a proposta de entrar no PDS. Por causa disso houve vários conflitos internos, na comunidade, com documentação para tirar os indígenas daqui. Essas comunidades que se reuniam para tirar os indígenas da área estavam sem saída, sem argumento. O governo passa por cima das leis, criando outras leis, dizendo assim: os indígenas não podem mais pescar dentro do Parque, tirar madeira para construir casas, palha para fazer nossas barracas. Então, limitou a gente. **Joilson da Silva Paulino, Karapãna**



Relação com os recursos naturais na área da aldeia, rio Cuieiras

60°30'0"W

ASSOCIAÇÃO INDÍGENA KARAPAÑA

Rio Cuieiras - Baixo Rio

2°35'0"S

Legenda

-  Associação Indígena Karapaña - ASSIKA
-  Aldeia Kuanã
-  Moradia da Família Karapaña
-  Aldeias indígenas:
São Tomé, Terra Preta, Três Unidos,
Kuanã, Boa Esperança, Nova Esperança, Barreirinha.
-  Roças
-  Áreas de pesca da Aldeia Kuanã
-  Áreas de caça da Aldeia Kuanã
-  Áreas de uso comum da aldeia Kuanã
-  Orquidário natural
-  Buçuzal
-  Caranãzal
-  Terra Firme
-  Reserva biológica do INPA
-  Queimada - igapó
-  Comunidades não indígenas
-  Casas do assentamento do INCRA
-  Assentamento do INCRA
-  Casa de moradia particular
-  Ilha de particular
-  CIAPA
-  Base de treinamento da Polícia Federal
-  Limites do PARQUE e da APA

Área do Tarumã

-  Comunidades indígenas
-  Base de apoio e sede administrativa ASSIKA
-  Locais de moradia da família Karapaña
-  União dos Povos Indígenas do Tarumã Miri e Tarumã Açú
-  Museu do Seringal

Convenções

-  Hidrografia
-  Áreas protegidas - estadual
-  Áreas protegidas - federal
-  Estrada

2°40'0"S

2°45'0"S

PAREST
Rio Negro
Setor Sul

Boa Esperança

Igarapá Tucumã

Igarapá Tucumã

60°25'0"W

80°20'0"W

NA - ASSIKA o Negro - AM



2°35'0"S

2°40'0"S

2°45'0"S



Aldeia Kuanã

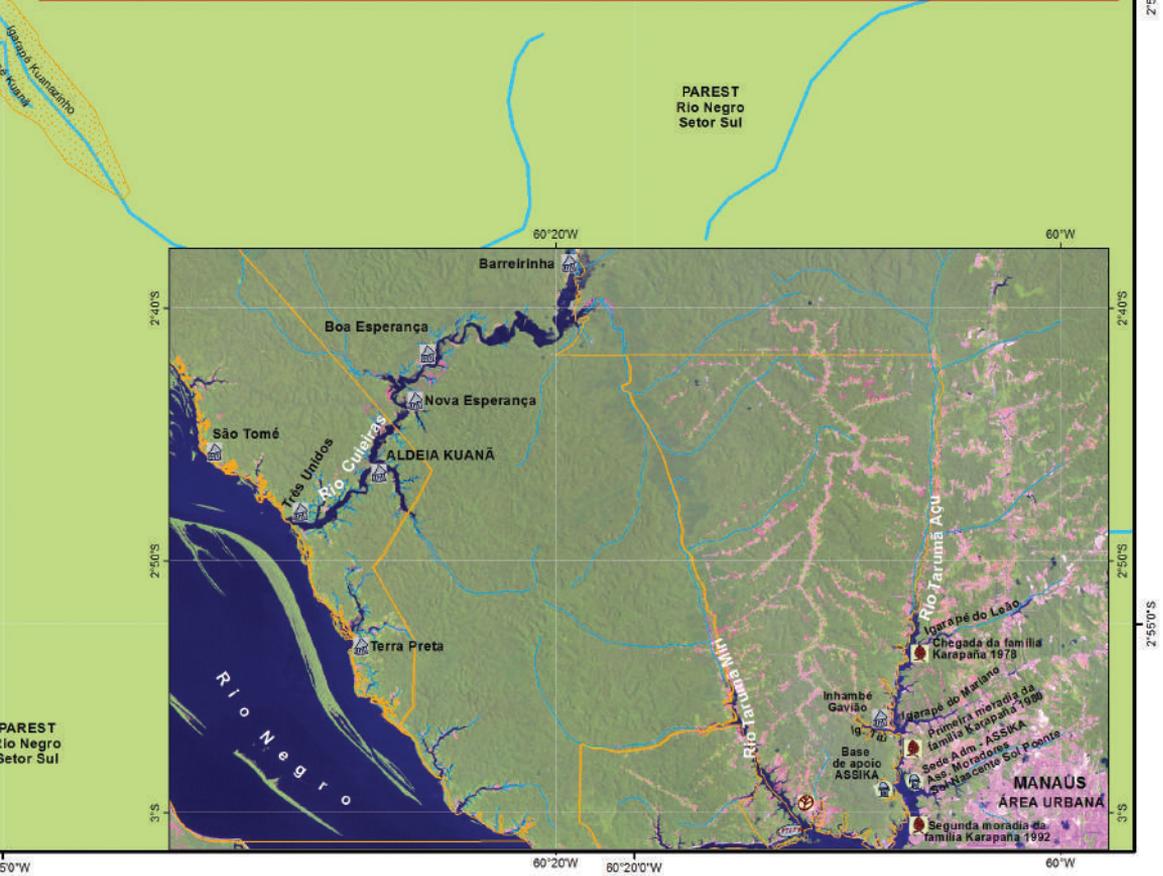
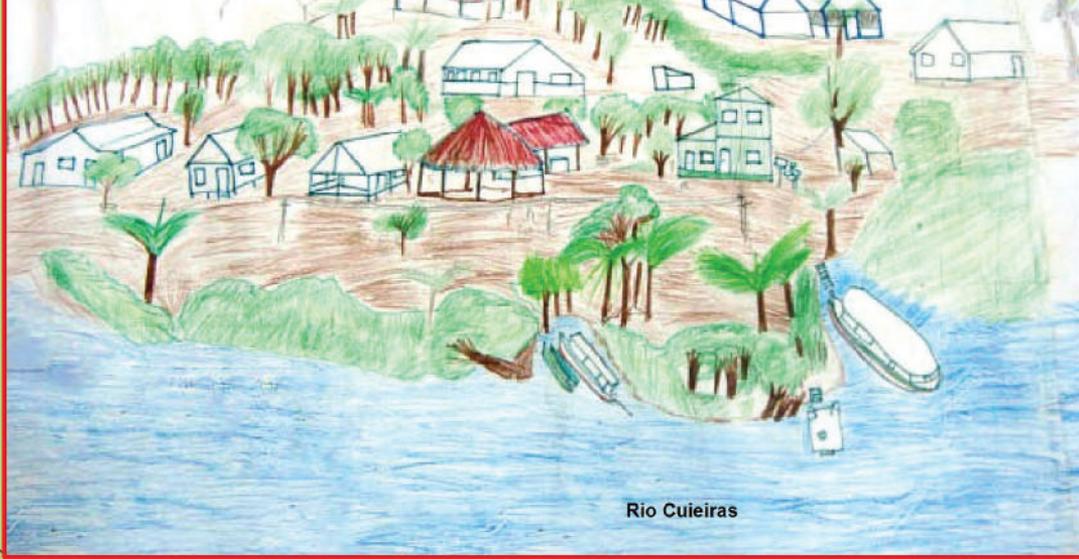


1:100.000

Escalas



Sistema de Coordenadas Geográficas - Datum C



Geodésico Horizontal - SAD69

Projeto Novas Cartografias Antropológicas da Amazônia

ASSOCIAÇÃO INDÍGENA KARAPÃ

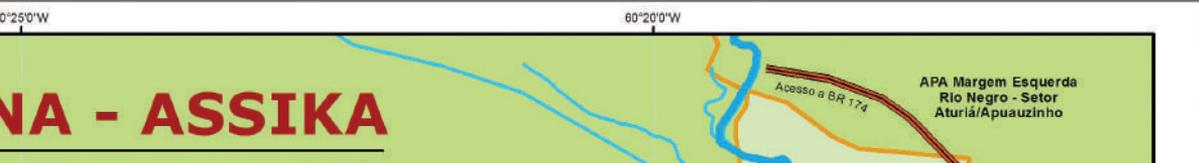
Orquidário ameaçado

Nos temos um orquidário natural. Nos tínhamos feito um inventário com ajuda da antiga Fepi, atual Secretaria dos Povos Indígenas, e Manaustur, para que fosse uma atração turística. Em 2008, foi feito um documento para a extração de areia no orquidário, para a exploração de areia em quatro anos, e as lideranças não indígenas aceitaram a extração de areia por troca de um gerador de luz e terraplenagem do campo. Depois criaram uma situação dizendo que o tuxaua da aldeia tinha vendido a área para a empresa. A empresa foi lá, fez a exploração da área, conferiram que há quatorze metros de profundidade de areia pura; aí dividiram em lotes, enumeraram as árvores para serem retiradas, desconhecendo o real perigo dessa área para o rio. Nos sabemos que há árvores que contém veneno, que ao ser explorada, com a chuva, escorre veneno pelas águas, matando peixes e pássaros. O parque limita, tira o direito dos indígenas e não indígenas, não nos tratam como cidadãos. **Joilson da Silva Paulino, Karapãna**

A área de conservação do Tarumã Açú está sendo degradada. Há um tempo atrás, a gente podia tomar banho, beber água do rio. Não podemos beber a água do rio porque esta dando diarreia, malária, doenças de pele. Nossa luta, também é pela conservação do território. Não tiramos



Rebocador da balsa de extração de areia no rio Cuieiras, amostras de solo na área de campina e campinarana, 11/11/2010



madeira, árvores da várzea. Apenas tiramos o suficiente que para nos manter. No caso, do lado direito do rio de quem sobe, já não tem árvores nas várzeas. A gente vive da natureza, precisamos dela, assim como ela precisa da gente. **Marilda**, Karapãna

Manaus foi habitada pelos povos indígenas e foram expulsos dessa terra. Lutamos pelo direito de ter nosso próprio local. Assim, os brancos chegam e tomam posse, e mandam a gente ir embora, principalmente na área urbana de Manaus. Muitos parentes do rio Tarumã Açú foram expulsos, como nós fomos naquela época, fomos expulsos do Tarumã Açú por um pessoal que dizia que era dono da terra, onde a gente morava. Hoje, hoje é condomínio lá, e a terra que meu pai ganhou de indenização já foi vendida. Minha irmã se casou com o filho de um homem que morava no Cuieiras, e minha mãe achou melhor nós irmos para lá, que era uma comunidade onde ela podia plantar e criar. Temos nossos barracos permanecemos até hoje lá. **Joilson da Silva Paulino**, Karapãna



Joilson, presidente da Assika e professor bilingue

O Tarumã Açú, essa parte da Marina Tawa está toda poluída, e aqui na área da Vivenda Verde está poluída. Atualmente esta tendo uma invasão do MST. O que nos preocupa é que essa parte do Tarumã Açú esta ficando poluída, porque estão entrando de uma forma irregular, não tem saneamento básico. Já não enxerga água preta, mas amarelada, perto do lixão para cá, já desce pelo rio. Então, com a invasão, o índice de malária aumentou, também há um índice maior de infecção intestinal, vomito, febre, doença de pele. Temos uma unidade básica de saúde com poucos funcionários para atender toda a área. Estamos a mercê na questão de saúde. A saúde aqui e precária, os indígenas e ribeirinhos são afetados. **Maria Alice**, Karapãna, da Assika e da Associação de Moradores Sol Nascente Sol Poente do Tarumã Açú



Maria Alice e seu cunhado, **Lázaro**, explicando o croqui da área karapãna, referentes aos conflitos socioambientais

Nasci aqui. Estou há doze anos casado com uma índia. Tem um senhor que se diz dono das terras, e manda capanga para amedrontar, para não fazermos benfeitoria na terra. Até hoje temos briga com ele por causa de terra. Nós estamos lutando por um lado melhor nessas terras. Esse grileiro esta querendo tomar da gente. Ele comprou uma área e saiu comprando dos moradores pedaços de terra;



Lázaro Santana, casado com **Marilda Paulino** (Karapãna), moradores do rio Tarumã

passou por onde a gente mora, e saiu comprando até aqui. Por trás tem uma invasão, o Incra assenta um bocado de gente, onde fica o ramal do Pau-rosa. **Lazaro**, 35, não indígena casado com indígena Karapãna

Nossa luta aqui é tanto na área da educação, da saúde como pelo direito de moradia. Com o avanço dos condomínios, das invasões, dos conflitos fundiários, nossas vidas são ameaçadas. Nossa luta é bastante grande e ampla, porque não temos apoio da justiça do Estado. Vem pessoas dos bairros da cidade para essa área para pescar, caçar. Os órgãos não fazem nada contra eles, só contra pessoas que moram aqui, proibem somente os que estão morando aqui, não os que vem de lá de fora. Barram as canoas pequenas, mas não as lanchas grandes que entram para pescar aqui. **Maria Alice**, Karapãna, da Assika e da Associação de Moradores Sol Nascente Sol Poente do Tarumã Açú

Aqui estão situadas as marinas do Davi, Tawa e da Vivenda Verde; ao longo do rio é cheio de flutuantes, barcos, restaurantes, hotéis, mansões de empresários influentes do Estado, advogados, promotores, políticos. Esse é o nosso maior contraste social. Aqui em volta tem pessoas que poderiam ajudar numa vida diferente, mas eles fazem de conta que não existem moradores. Falta interesses deles, não só para se sensibilizar e ter consciência, mas para praticar essa ajuda. Nós estamos vendo não somente essa situação, mas a do Rio Negro até ao rio Cuieiras. O mesmo sentimento tem em cada comunidade, subindo o Rio Negro, por que: quem vai responder pela gente? Quem vai dar resposta para nós que temos direito à moradia, à dignidade, o direito da criança, idoso? Eles passam por cima do direito de todos. **Maria Alice**, Karapãna, da Assika e da Associação de Moradores Sol Nascente Sol Poente do Tarumã Açú

Por que nascem as associações?

O que nos levou a nos organizarmos na associação Karapãna e na associação dos moradores Sol Nascente e Sol Poente do Tarumã Açú. Estamos organizados nessas duas associações, por causa da situação por que estamos passando, várias pessoas estão passando por essa mesma situação. Nossa causa não é somente em prol dos indígenas, mas pela cidadania em si, temos que garantir direitos de cidadão. Queremos ter direito à terra, ter o nosso pedaço de chão e nos sentir seguros, para que possamos estar em paz, vivendo com nossos filhos e famílias. **Marilda da Silva Paulino**, 32, Karapãna

Eu sou vice-presidente da Assika. Nosso objetivo é lutar por educação, saúde, esporte e lutarmos pela área territorial, porque, hoje, o governo está quase tomando posse de tudo. Conseguimos formar a associação para lutar em prol do nosso povo e dos demais, e buscar melhoria para nossa aldeia. A dificuldade do nosso povo é a pesca, o cultivo, porque a gente não pode mais fazer nenhuma derrubada de árvores, pois vem algumas autoridades e impedem de fazer isso; na área da pesca e caça, a gente não pode ultrapassar as placas, porque tem território demarcado por placas sinalizando a não ultrapassagem, correndo o risco de sermos punidos. Nosso território já está sendo limitado por isso. Na área da educação, falta mais investimento dos governantes e olhar para a causa indígena. **Ademir**, Karapãna, vice-presidente da Assika



Marilda (Karapãna), da Associação dos Moradores Sol Nascente, Sol Poente e da Assika



Ademir da Silva Paulino, vice-presidente da Assika

Muitas vezes ficamos pensando se seria melhor ficar na aldeia. Por um lado, sim. É muito importante essa convivência familiar nas aldeias. Temos que buscar conhecimento lá fora? Mas com suporte tanto dos nossos governantes como da nossa família; é muito importante a gente estar interagindo para que haja um fortalecimento bem concreto dos objetivos comuns entre nós todos. O maior deles é ter a posse da terra. Não só no falar, mas nos papéis, sendo respeitados pelos órgãos públicos, pelas secretarias, pelos grandes empresários, porque isso não acontece, porque há ilegalidade de pessoas tomando posse das terras dos indígenas, mesmo estando delimitadas ainda há irregularidade. Há deficiência nessa área toda. **Maria Alice, Karapãna, 30, da Assika e da Associação de Moradores Sol Nascente Sol Poente do Tarumã Açú**

Nós fizemos todo esse trajeto que Maria Alice relatou. Nós saímos do Tarumã, da comunidade Maravilha porque houve um conflito de terra. De lá fizemos esse trajeto todo procurando onde morar. Antes, minha irmã Dirci casou-se com o senhor Alfredo, que morava aqui no Cuieiras, e a comunidade onde residimos, chamada Nova Canaã, tinha duas ou três casas de famílias do Alto Rio Negro. Nosso propósito é a nossa permanência nessa área, dos indígenas no rio Cuieiras, por meio da aldeia Kuanã, associação indígena Karapãna. A Assika foi fundada com objetivo da identidade, da permanência e da afirmação cultural do povo indígena no Baixo Rio Negro. **Joilson da Silva Paulino, Karapãna, professor bilíngue**

A língua

Minha mãe é Piratapuia e meu pai Karapãna, meu pai fala a língua Tukano porque ele é do alto Tiquié, Rio Apurí. Ele não fala na língua com os filhos porque naquele tempo a língua portuguesa sempre prevalecia. Eles achavam melhor que a gente aprendesse a falar português para poder se comunicar com o pessoal de Manaus. Então, foi ficando de lado a tradição da língua materna, ele não passou para gente o Tukano que eles falavam. Mas ele sempre falava nheengatu, a língua que nós adotamos, agora a gente cresceu ouvindo-os falar. Entendo tudo, mas não falo fluentemente. O Piratapuia, minha mãe não fala, pois cresceu no internato do colégio de São Gabriel; ela falava o Nheengatu, e minha mãe me contava que as freiras insistiam para ela falar só língua portuguesa, pois o Nheengatu, eles não queriam que falassem lá. As freiras queriam que ela aprendesse só o português, mas ela falava com as colegas dela na língua nheengatu, nos quartos, onde elas ficavam sempre falavam. **Joilson da Silva Paulino, Karapãna, professor bilíngue**



Otília (Piratapuia), esposa do Tuxaua Manoel Paulino, e João (Karapãna)

Educação indígena

Aí surgiu a proposta de criar educação escolar indígena diferenciada, aí começou o movimento. A comunidade escolheu através de uma assembléia geral uma professora bilíngue, mas não tinha suplente. Fui apresentado na Semed como professor suplente. Faço um trabalho como professor bilíngüe. Para mim, não foi difícil ser professor porque eu tenho uma história de vida junto com meu pai, essas experiências ficam dentro da gente. Aprendemos dentro da casa da gente, com o pai, a mãe com o nosso povo e irmãos, na prática. Eu, como professor indígena faço o possível para estar próximo dos mais idosos da comunidade para compartilharmos experiências. **Joilson da Silva Paulino, Karapãna, professor bilíngue**

Educação diferenciada e discriminação

Primeiro ano de luta, pois trabalho numa comunidade mista. Mas o desafio foi utilizar essa metodologia no ensino da língua, pois as crianças não sabiam falar o nheengatu. No início do processo, elas sofreram um grande impacto, pois a comunidade não depositava tanta confiança em mim, para trabalhar a revitalização da língua e da cultura, pois os pais falavam que ia atrapalhar o desenvolvimento das crianças lá da escola. Muitos deles não queriam, mas com a ajuda dos técnicos da Semed e com o apoio naquele tempo do Núcleo de Educação Escolar Indígena (NEEI), a gente permaneceu. Então eu trabalhei o primeiro ano, tendo que enfrentar as falas de discriminação olhares de preconceito. No segundo ano foi melhor. As pessoas começam a conhecer e entender um pouco, o que era a Educação Escolar Indígena, apareceu outro problema que era a diretora da escola. Porque eu trabalhava na escola regular em parceria com ela. Ela não entendia nossa metodologia de ensino. Agente pegava as crianças e levava para prática. Para ela a aula era dentro de sala de aula, entre quatro paredes, um quadro, um livro uma leitura. Isso criou um impasse, tivemos que conversar e trazer o problema para o NEEI tentar resolver. **Joilson da Silva Paulino**, Karapãna, professor bilingue



Joilson, presidente da Assika e professor bilingue, explicando as moradias da comunidade Canaã e da aldeia Kuianã

Queremos que o ensino de qualidade se fortaleça cada vez mais, porque precisamos disso; queremos um colégio para que possamos terminar o ensino médio aqui mesmo. Queremos ficar livres dessas perturbações ao nosso redor. Queremos nos unir com outras comunidades para termos o privilégio de ter o que é nosso. Unidos vamos ter o que queremos, e temos que lutar até o fim. **Rafael Fernando Bruno**, Baré

Na educação, funciona apenas uma escola aqui para cima e outra escola no rio Tiú. O barco busca as crianças em cada igarapé desses. A espera é de vinte a trinta minutos. Com a seca, as crianças andam daqui para cima. Tem área aqui bastante grande que dá para construir escolas de ensino médio e técnico. Mas é difícil porque a maioria dessas áreas é particular, falta a boa vontade do governo e do município para desapropriar e construir escolas. **Maria Alice**, Karapãna, 30, da Assika e da Associação de Moradores Sol Nascente Sol Poente do Tarumã Açú



Rafael, Baré, liderança da comunidade Terra Preta

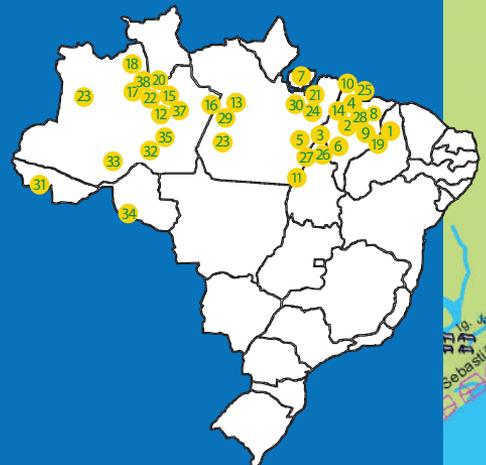
O que traz de volta as origens, a nossa cultura?

Nasci no Tarumã Açú. Na Praia Dourada passamos toda nossa infância, crescendo com costumes e ouvindo mamãe falar no nheengatu. Particularmente eu entendo a língua materna. Depois fomos morar no Cuieiras, e quando me casei fui morar no Tarumã Açú. O que traz de volta as origens, a cultura não é só a falta de aproximação dos pais, mas o mais importante é o fortalecimento de todas as culturas e etnias em busca de um só objetivo, que são as terras. Não somente a terra delimitada, mas com dignidade e direito, todos esses sendo respeitados, seja na área de

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das peconheiras e peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, Amazonas
- 23 Movimentos ribeirinhos e indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité – Tonantins, Amazonas
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Oficinas de Consulta – Alcântara – MA
- 26 Trabalhadores agroextrativistas da reserva extrativista de Ciriaco – Realidades e desafios
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, Maranhão
- 29 Uso de recursos naturais em comunidades quilombolas de Santarém – Pará
- 30 Ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará
- 31 Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá, Acre
- 32 Ribeirinhos, extrativistas e agricultores da Associação das Comunidades do Lago do Antonio – Humaitá, AM
- 33 Comunidades extrativistas da Resex Ituxi – Lábrea, AM
- 34 Quilombolas de Santa Fé – Costa Marques, RO
- 35 Comunidades Tradicionais de Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 – Manicoré, AM
- 36 Quilombolas, Agricultores(as), Quebradeiras de coco, Pescadores do Território de Formoso Penalva, MA
- 37 Pescadores e Pescadoras, Agricultores e Agricultoras do Lago do Puraquequara e Jatuarana – Manaus, Amazonas
- 38 Associação Indígena Karapãna – Assika, Rio Cuieiras e Baixo Rio Negro, Manaus



REALIZAÇÃO

Associação Indígena Karapãna
– Assika

APOIO

